



KES

Knowledge Exchange Sessions

MIKE WALSH
CEO OF TOMORROW

LIDERANÇA NA ERA DOS ALGORITMOS

LIDERANÇA NA ERA DOS ALGORITMOS

Não é a toa que Mike Walsh passa mais de 300 dias por ano viajando: como saber o que anda acontecendo de mais interessante no mundo sem viajar, falar com pessoas, dar palestras, captar tendências entre os inovadores que estão mudando o mundo da tecnologia e do trabalho? Na edição de abertura do KES (Knowledge Exchange Sessions) da temporada 2019, o futurista e nômade global apresentou algumas das ideias coletadas mundo afora para uma platéia lotada e atenta, formada por líderes de grandes empresas nacionais e globais.

Todos foram lá para discutir sobre: como ser um líder na era dos algoritmos? Que capacidades são necessárias para não competir com as máquinas, mas trabalhar com elas para tomar decisões mais criativas? Que tipo de estratégias são importantes na hora de gerenciar equipes de forma ágil e eficiente na era em que tudo cada vez mais é algoritmizado e processado por computadores? Mike diz que mais importante que ser um especialista em tecnologia é saber se adaptar às mudanças rápidas desse mundo em que dados, automação e máquinas inteligentes estão revolucionando a maneira como tudo funciona. Alterar o mindset da empresa quando necessário, de acordo com a coleta de dados em tempo real, e aprender de forma contínua, para então adaptar a abordagem para tomar decisões ou gerenciar pessoas - eis alguns dos pontos apontados por ele para ser um bom líder hoje.





PROVOCAÇÕES

A primeira edição do KES 2019 teve como aquecimento uma atividade de discussão em grupo, durante 10 minutos, cinco “perguntas perigosas” que a equipe KES e Mike prepararam para discutir durante o evento. São elas:

- 1- Para você, o que significa ser um líder na era do algoritmo?
- 2- Empresas da era analógica podem se transformar e serem bem sucedidas na era dos algoritmos? Como?
- 3- O que você pensa sobre a ideia de algoritmos e automação substituir parte do trabalho humano?
- 4- É importante entendermos como são tomadas as decisões feitas por inteligência artificial? Por quê?
- 5- Qual o maior desafio das lideranças do futuro? (pense em 2030)



O FUTURO É AGORA

Mike começou sua fala questionando o que é futuro e que nosso desafio principal é entender qual parte do futuro prestar atenção. Ele convidou a desafiar de modo constante nossas ideias sobre o futuro e perguntar aos mais novos (seja os mais jovens na empresa quanto às crianças) sobre qual o futuro que eles imaginam. Como pessoas já nascidas num mundo conectado, de diversas experiências algorítmicas, dispositivos conectados à Internet das Coisas e familiarizados com robôs no dia a dia, os mais novos podem dar visões diferentes e instigantes de como o futuro pode ser. Como aponta uma de suas “Mind grenades” soltadas ao longo da fala: “Se um de seus filhos começa a trabalhar em seu negócio amanhã, qual será a primeira coisa sobre a sua abordagem à tecnologia que eles considerariam totalmente intrigante?”.

Mike tem aprendido e pesquisado sobre um futuro que usa a Inteligência Artificial para tornar nossa vida melhor: aproveitar os dados para propósitos reais de melhoria no mundo, algo que ele acredita que ainda não tem sido feito como poderia ser.

Para ilustrar suas ideias, propôs um exercício de imaginar o mundo em 2030. O que lá será consolidado e hoje é apenas (quando muito) uma ideia?

As experiências vitoriosas de consumo vão depender cada vez mais de suas experiências algorítmicas. Na prática, isso já acontece: os dados estão prevendo a sua compra a partir de seu comportamento digital. É a Amazon enviando um email indicando outros dois livros a partir daquele último que você comprou. Mas em 2030 essa situação vai ser mais comum: os pacotes vão chegar antes de você comprar, afirma Walsh. Empresas como a Alibaba, além da própria Amazon, estão na linha de frente nesse processo, tornando cada vez mais precisos seus algoritmos de recomendação de produtos;



Interfaces cada vez mais “naturais” e próximas do ser humano. Desde os assistentes pessoais (como Alexa, da Apple), já há um movimento de mudança na interface dos dispositivos digitais que nos rodeiam, tornando-os menos duros e quadrados e mais próximos a figuras humanas. Mike aponta que as whisper techs, ou seja, interfaces que sussurraram para nós, serão comuns em 2030. Outro aspecto aqui é que o reconhecimento facial também ganhará força nessas tecnologias: nossos assistentes pessoais vão poder reconhecer nossas emoções em poucos segundos, a partir dos nossos rostos e, a partir daí, oferecer algum tipo de ajuda. A ideia é tornar a realidade cada vez mais possível de ser lida pelos algoritmos. Aqui, qualquer semelhança com a assistente que ganha a voz (e os trejeitos) de Scarlett Johansson no filme Her (2013), de Spike Jonze, é mera coincidência...

Sensores, devices e plataformas vão transformar nossa identidade. Quanto mais os dados estiverem presentes nos comportamentos que mantemos, nas decisões que tomamos, mais nossa identidade - ou nossas múltiplas identidades - serão influenciadas pelos algoritmos. Um exemplo trazido aqui ajuda a ilustrar essa situação: o Google está trabalhando num smart tennis que mede deslocamentos, batidas do coração e outras condições físicas que vão ajudar cada pessoa a tornar-se mais cuidadoso com sua saúde. É um dispositivo digital, comandado por um algoritmo, que pode alterar a forma com que você leva seu estilo de vida.





HUMANOS E ALGORITMOS, REINVENTANDO O TRABALHO

Uma vez que os algoritmos vão (e já estão) automatizando diversos processos antes feito por humanos, as empresas devem elevar as pessoas em suas equipes. Isso significa deixar as decisões de primeira importância para os robôs, as de segunda num combinado entre robôs e humanos e as decisões mais importantes, aquelas que precisam criatividade, improviso e análise complexas, para times ágeis de humanos. Um valor cada vez mais importante é aperfeiçoar a interação humana com as máquinas: entender suas programações, como elas funcionam, para então trabalhar em conjunto quando necessário. Mike deu um conselho para os muitos líderes ali presentes no primeiro KES de 2019: executar uma auditoria de decisão e categorizar as principais decisões que você e sua equipe tomam regularmente. Qual o tipo de atividades onde a automação precisa de um ajuste lógico, e que áreas em que humanos em parcerias com máquinas podem adicionar ainda mais valor?

Meio irlandês, meio chinês, vivendo entre Londres, Nova York e Pequim, Walsh viu muitas empresas nascerem e morrerem e conversou com muitos líderes para poder dizer: não precisamos de profissionais que somente trabalham, precisamos de profissionais que reinventem a natureza do trabalho.

TER SUCESSO NA ERA DOS ALGORITMOS E LIDERAR EQUIPES PASSA POR TRÊS ASPECTOS:

SER ÉTICO

O escândalo do vazamento de dados do Facebook para a Cambridge Analytica está aí para mostrar que, para lidar com problemas éticos complexos, precisamos mais de filósofos do que programadores, diz Mike;

TOMADA DE DECISÕES INTELIGENTES E ÁGEIS

A IA não tira todas as decisões que os humanos precisam tomar, apenas fará com que as decisões que restarem sejam ainda mais importantes - e estas, sim, devem ser tomadas por humanos, que terão de se repensar para resolver problemas em uma era de máquinas inteligentes;

REPENSAR A EDUCAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO ALGORÍTMICA

(ALGORITHMIC LITERACY)

Nosso sistema educacional ainda não está preparado para uma era em que os algoritmos serão cada vez mais importantes em todos os aspectos da nossa realidade. O que precisa acontecer agora para prepararmos a próxima geração para uma era de IA? Repensar as formas de conhecer, olhar para a forma que os mais novos aprendem e estar, continuamente, em processos de aprendizagem são algumas das ideias que podem ajudar a repensar a educação para o século XXI.

Knowledge Exchange Sessions

EXCHANGE SESSION
O que você pensa
sobre a ideia de
algoritmos e automação
substituir parte do
humano?

WWW.KES.DO

INSTAGRAM

TWITTER

FACEBOOK

G+

LINKEDIN